

REVISITANDO UM EXPERIMENTO SOBRE MENTIRA

A REVIEW OF AN EXPERIENCE ABOUT LYING

Marina Chiara Legroski*

UEPG

Fernanda de Fátima Geremias**

UEPG

Fernanda Ferreira Godoy***

UEPG

RESUMO: O seguinte trabalho se propõe a replicar um experimento realizado por Biondo (1994), que buscava entender quais os critérios necessários e suficientes para que os informantes entendessem determinadas histórias como mentira. Por entendermos que o experimento é muito interessante apesar do fato de ter um arcabouço teórico muito diferente do nosso, replicamos o experimento com o objetivo de perceber se, tantos anos mais tarde e sob uma perspectiva teórica diferente, haveria diferenças em relação aos resultados obtidos da primeira vez. Os resultados foram substanciais e analisados em confronto com as hipóteses iniciais do trabalho de Biondo (1994), mas também à luz de pressupostos pragmáticos, especialmente oriundos das teorias de Grice, Austin e Searle, que complementam as questões levantadas por este autor.

PALAVRAS-CHAVE: pragmática, mentira, linguística experimental

ABSTRACT: The present work proposes to revisit an experiment carried out by Biondo (1994), which sought to understand the necessary and sufficient criteria for informants to understand specific stories as lies. As we consider that the experiment is exciting even though it has a very different theoretical framework from ours, we replicated the investigation to see if, so many years later, there would be differences concerning the results obtained the first time. The results were substantial and analyzed in comparison with the initial hypotheses of Biondo's work (1994) and in the scope of pragmatic theories, namely Grice, Austin and Searle's hypothesis, that complements the questions raised by this author.

KEYWORDS: pragmatics, lying, experimental linguistics

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: marinalegroski@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1117-2786>

** Graduanda em Letras Espanhol-Português na Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: geremiasfernandaa@gmail.com

*** Graduanda em Letras Espanhol-Português na Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: fermandaxavierhpg@gmail.com

Introdução

Mentir é um ato social e psicológico que, em última instância, é um ato linguístico e que faz parte da vida de todos. Seja porque fomos os que proferimos a mentira ou porque estamos do outro lado desta interação, ou porque somos bombardeados com fake news em redes sociais, tendo esta mentira consequências graves ou não, os usuários da língua conhecem muito bem este tipo de interação, ainda que nem sempre sejamos capazes de saber o que estamos considerando mentiroso ou como descobrimos que fomos vítimas de uma mentira.

Neste trabalho, abordaremos a mentira do ponto de vista linguístico, entendendo-a como um ato de fala (conforme Searle 1962, 1985). Contudo, a motivação para este trabalho foi a replicação de um experimento feito por Delson Biondo, em 1994, quando este era aluno de mestrado na Universidade Federal do Paraná. O seu trabalho, intitulado “A semântica da palavra *mentira* e o seu protótipo cognitivo: novas evidências empíricas”, se propõe a ser uma adaptação de um outro experimento, conduzido por Coleman e Kay, em 1981, para informantes americanos. Este se insere na área da linguística experimental, mas, mais especificamente, dialoga com a psicolinguística e um tipo de semântica que tentava, décadas atrás, mapear conceitos com base em protótipos.

Apesar de termos nos inserido na tradição de replicar o experimento, nossa visão para estes dados não vem da psicolinguística e, menos ainda, da semântica de protótipos. Olharemos, neste trabalho, para o mesmo experimento com um viés pragmático, sob a justificativa de que os próprios traços elencados pelos autores (tanto Coleman e Kay 1981 quanto Biondo 1994) são traços pragmáticos. Este artigo se estrutura, portanto, da seguinte forma: descreveremos o experimento base e a metodologia utilizada, a replicação do experimento a metodologia utilizada nesta replicação, compararemos os resultados obtidos e, por fim, discutiremos os dados coletados, problematizando as questões.

A semântica de protótipos e o experimento inicial

Em 1994, Biondo defende sua dissertação de mestrado na Universidade Federal do Paraná com um trabalho que se propunha a ser uma adaptação do trabalho de Coleman e Kay (1981), intitulado “Prototype semantics: the english word lie”. Biondo adota a mesma metodologia de pesquisa dos autores e, portanto, é possível dizer que ele se insere na mesma linha teórica, interessado em entender o conceito de “mentira” através da busca do significado prototípico do termo.

Para entender a base teórica de onde partem os autores, cabe especificarmos o que uma teoria semântica de protótipos está buscando entender. Diante da clássica busca pelo significado de uma expressão, esta teoria postula que as definições de termos empregadas na fala partem de categorias mais gerais, compartilhadas por praticamente todos da comunidade linguística, e vai se expandindo na direção de englobar mais e mais características, ainda que estas não sejam compartilhadas por todos. Assim, quanto mais compartilhadas as definições pelos usuários da língua, mais prototípicos estes traços são para delimitar a definição de determinado objeto.

Partindo de exemplos simples, Pino (2020) nos ajuda a entender a questão:

Por exemplo, contrário da modelagem que define (ou representa) o significado da categoria ave como aqueles elementos com as características penas, bico, capacidade de voar, etc; a Teoria dos Protótipos considera que não existem definições necessárias e suficientes para definir uma categoria específica (Rosch, 1973a, 1977, 1988; Geeraerts, 2010), e considera a categoria como elementos diferentes que têm um estado desigual de representação semântica (ou tipicidade). Por exemplo, sob essa perspectiva, pode-se entender que: a) o pardal é mais prototípico da categoria ave que o pinguim; b) o Golden Retriever é mais representativo da categoria cão que o chihuahua; e c) o goldfish [peixe dourado] é mais típico da categoria peixe que o tubarão. (PINO, 2020, p. 31)

A ideia aqui, portanto, é a de que um conceito não será definido de maneira homogênea, mas por uma representação mental individual destes conceitos. Esta representação, apesar de idiossincrática, sempre partiria de elementos que consideram os termos do conceito de forma mais geral, mas seria capaz de acomodar elementos menos representativos como parte do mesmo conceito. Dizendo de outra forma, o *golden retriever* é mais representativo do protótipo de cão por ter um porte médio, uma cor caramelo que muitos outros cachorros também possuem, um tipo de focinho que é comum a muitas raças de cães, orelhas longas bastante típicas e assim por diante. É como se as características mais prototípicas funcionassem como uma espécie de “filtro” do conceito. Um chihuahua, por outro lado, também é acomodado dentro da categoria de “cachorro” apesar de não possuir as características mais prototípicas. Para Teixeira (1995),

O protótipo será, pois, uma espécie de modelo, simultaneamente filtrador e orientador para a inserção de um elemento numa categoria. Quando, perante algo que nos aparece como novo, fazemos a pergunta “o que é isto?”, estamos a tentar inseri-lo numa das categorias que temos estruturadas ou receptivos a conhecer/construir nova categoria (TEIXEIRA, 1995, p. 4)

Nas palavras de Biondo (1994),

os elementos do protótipo não devem ser entendidos como propriedades discretas, eles parecem ser, na verdade, elementos complexos cuja identificação está, de certa forma, sujeita ao reconhecimento de uma série de subelementos que são geralmente pressupostos ou inferidos. Por exemplo, quando se diz que o elemento a (P é -falsa) está presente significa que o informante reconheceu a presença de um exemplo ótimo de falsidade da proposição, ou seja, um contexto no qual P é falso para o falante, para o ouvinte e para o informante. Da mesma forma, quando se diz que o elemento c (F pretende enganar) está presente significa que o informante parece ter reconhecido um contexto prototípico ou um exemplo ótimo de uma intenção de enganar. (BIONDO, 1994: 82)

Neste sentido, podemos entender que a busca por Coleman e Kay (1981) e, posteriormente, por Biondo (1994), em seus experimentos, era entender quais seriam as características definidoras da mentira no seu sentido mais prototípico; isto é, dizer que traços seriam suficientes e necessários para que determinada conversação seja entendida como mentirosa. Assim, a partir

de três características elencadas como suficientes e necessárias para uma mentira, Coleman e Kay (1981) escreveram uma série de historietas, traduzidas e adaptadas posteriormente por Biondo (1994), que foram submetidas aos informantes para serem julgadas.

Os critérios apresentados pelos autores (trazidos aqui na tradução Biondo (1994, p. 11)) são:

- (a) P é falsa
- (b) F sabe que P é falso
- (c) F pretende enganar O.

Na explicação de Coleman e Kay (1981, p. 28), “a mentira prototípica, então, é caracterizada por (a) falsidade, que (b) é deliberada e (c) com a intenção de enganar”¹.

Biondo (1994), então, seleciona 87 informantes com nível superior (completo ou não) de escolaridade e aplica questionários que contém 08 histórias, que manipulam, a exemplo das histórias dos questionários aplicados por Coleman e Kay (1981), estes 3 elementos, da seguinte forma: a primeira história, utilizadas como controle, contém os 3 elementos; a segunda história, também utilizada como controle, não contém nenhum deles; e as histórias que seguem contém 1 ou 2 destes elementos, de forma combinatória. Nas palavras de Biondo (1994),

os questionários com respostas erradas para as estórias-controle foram invalidados, procurando-se garantir, dessa forma, que apenas os indivíduos que apresentassem condições de diferenciar os pontos extremos das duas situações fossem considerados aptos a julgar as situações intermediárias. (1994: 42)

Para cada uma destas histórias, o informante precisa decidir se ela foi mentira, não foi mentira ou o informante não é capaz de responder, como a figura a seguir ilustra:

Figura 1: Questionário de avaliação

Faça um X:

Foi mentira Não foi mentira Não sei dizer

Faça um X:

não estou certo

EU <input type="checkbox"/> estou quase certo <input type="checkbox"/> tenho certeza absoluta	QUE A MAIORIA DAS PESSOAS CONCORDARIA COM A MINHA RESPOSTA.
--	---

Fonte: Biondo, 1994, p.85.

A pesquisa foi aplicada por meio de formulários impressos, sem controle estratificado por faixa etária, mas dividida de forma equânime entre os sexos: ao final, foram analisados 38 questionários respondidos por homens e 39, por mulheres. Biondo (1994) controlou, também,

¹Do original: The prototypical lie, then, is characterized by (a) falsehood, which is (b) deliberate and (c) intended to deceive.

que as respostas não pudessem ser comparadas uma com as outras, para “(i) evitar que os informantes trouxessem o contexto de uma estória para dentro de outra, (ii) evitar que algumas respostas fossem alteradas em função de outras respostas e (iii) valorizar a primeira intuição dos informantes nos seus julgamentos.” (BIONDO, 1994: 41).

Como nota-se na figura acima, Biondo fazia duas perguntas para a avaliação da história: uma considerava a avaliação do informante e a segunda o seu grau de certeza para aquela avaliação; ou seja, uma olhava para os dados propriamente ditos e outra para o avaliador da história. Em suas considerações finais, porém, o autor afirma acreditar que a segunda pergunta pode ter confundido os informantes. Em suas palavras,

Supõe-se que o desvio apresentado pelos falantes de português em direção a um aumento da incerteza possa ter sido causado por uma interpretação equivocada do quadro de respostas. Esse quadro (...) solicita duas informações conectadas: um julgamento e o grau de certeza desse julgamento. Para se evitar que as pessoas tendessem a assinalar certeza absoluta mesmo quando não estivessem totalmente certas, o experimento tentou fazer com que o informante refletisse sobre o seu julgamento considerando a sentença (1):

1. A maioria das pessoas concordaria com a minha resposta.

Em princípio, essa sentença deveria ter recebido a interpretação (a):

(a) Admitindo-se que possa haver uma concordância entre as pessoas, que grau de certeza eu tenho do meu julgamento a ponto de afirmar que a maioria das pessoas concordaria com ele?

Porém, é provável que, ao invés de (a), algumas pessoas tenham dado para (1) as interpretações desviantes (b) ou (c).

(b) Com que grau de certeza eu afirmo que pode haver uma concordância entre a maioria das pessoas?

(c) Com que grau de certeza eu afirmo que a maioria das pessoas concordaria comigo em alguma coisa? (1994: 53-54)

o quadro de respostas parece ter confundido uma parcela dos informantes, justamente aqueles que se posicionaram de um modo não-cooperativo (ou de um modo excessivamente cooperativo) diante da tarefa de leitura exigida; (1994: 80)

Como já dissemos, a pesquisa de Biondo (1994) é uma reformulação do estudo desenvolvido por COLEMAN e KAY (1981), trabalho que ofereceu as histórias de base para os formulários elaborados por Biondo (1994). No entanto, entendendo que haveria diferenças contextuais que prejudicariam a interpretação dos informantes brasileiros, seja por aspectos linguísticos ou culturais, o autor realizou algumas adaptações nas histórias ao invés de executar uma tradução mais próxima ao original:

as histórias sofreram uma série de reformulações textuais que visavam: a) uma melhor adequação ao contexto cultural brasileiro (por exemplo: jogando bola ao invés de playing golf), b) a substituição de nomes próprios marcados (*Pigfat*, *SuperFan*, *Valentino*) por nomes próprios neutros (Paulo, Antônio, Pedro); c) a eliminação de termos técnicos ou herméticos (*mononucleosis*, *appendectomy*); d) a eliminação de alguns apelos emocionais que poderiam levar os entrevistados a estabelecerem uma empatia demasiadamente

positiva (ou negativa) com os personagens das histórias - por exemplo: na história (IV) do experimento original, a personagem candidata ao papel de “mentirosa” é uma criança que está com sarampo e na história (VII) o equívoco de uma enfermeira desatenta pode ocasionar a morte de um paciente. (BIONDO, 1994, p. 34)

Os resultados obtidos por Biondo (1994) são bastante interessantes, apesar do *corpus* reduzido de análise. Como era de se esperar, as questões-controle foram as que obtiveram respostas mais homogêneas, mas algo interessante pode ser considerado:

eventos de fala que não dividem entre si nenhum elemento em comum são, mesmo assim, considerados membros da categoria mentira por alguns falantes, ou seja, há evidências empíricas de que a categoria em questão é formada não por uma lista de condições necessárias e suficientes, mas a partir de um dispositivo psicológico que permite aos falantes reconhecer as “semelhanças de família” entre o protótipo e os possíveis membros da categoria (BIONDO, 1994, p.79-80)

Além disso, o autor salienta que, hierarquicamente, o elemento “P é falso” foi o que obteve menos peso na decisão das pessoas em concluir que a história é mentira, ficando atrás dos dois outros elementos (*F sabe que P é falso* e *F pretende enganar*), a depender do recorte que se faz: para o grupo de homens, estas duas categorias se confundem em peso; para as mulheres, *F sabe que P é falso* teve mais peso no julgamento sobre a história.²

Adiante, no texto, quando apresentaremos as conclusões que obtivemos, também as confrontaremos com as encontradas por Biondo (1994). Na próxima seção, apresentamos o nosso experimento.

A replicação do experimento

Apesar de não partirmos do mesmo ponto de vista teórico do autor, consideramos o trabalho de Biondo (1994) muito interessante para um tratamento sistematizado sobre a mentira. Seu experimento tem uma metodologia não muito difundida em estudos de pragmática, o que torna a sua replicação ainda mais interessante. Além disso, as limitações tecnológicas impostas pela época não permitiram que o autor aplicasse seu questionário a um número muito grande de informantes, o que é muito mais simples de ser feito atualmente. Além disso, consideramos que os resultados podem ser diferentes dos obtidos no experimento de 1994 por conta de certos aspectos culturais que mudaram ao longo do tempo (o que poderia ser conferido, por exemplo, contrastando os dados das respostas de informantes mais jovens e mais velhos), como, por exemplo, a diferença de avaliação negativa da ironia, a menor distância social entre filhos e pais e, provavelmente, a grande propagação de *fake news* na contemporaneidade que, acreditamos, esticou os limites do que é considerado mentira. Com isso, tínhamos objetivos o suficiente para promover a sua replicação.

² Como notado pelo parecerista, isto parece ser explicado pelo próprio acarretamento lógico. *F sabe que P é falso* acarreta que *P é falso*.

Nosso experimento foi realizado por meio de coleta de dados na plataforma Google Forms, que, inclusive, tabula parte dos dados das respostas. O questionário foi dividido em 3 partes: a primeira, de cunho sócio cultural, buscava mapear um perfil básico dos informantes: faixa etária, estratificada a cada 10 anos (exceto para o primeiro valor, porque consideramos 15 anos como o mínimo para responder a pesquisa); sexo (social, sem importar se se tratava de pessoa cis ou transgênero, por entendermos que a questão aqui tem a ver com o papel social do informante) e nível de escolaridade. Na segunda parte, havia 12 histórias³ para que os participantes marcassem se consideravam que o personagem havia mentido ou não ou, ainda, uma alternativa para casos em que não soubessem responder. As perguntas nessa fase se apresentavam como na figura (#) abaixo. Na seção 3, os participantes poderiam, caso quisessem, deixar comentários.

Figura 2: História e pergunta.

Patrick comeu, escondido, o bolo que Jeniffer pretendia servir aos colegas de trabalho. *

Jeniffer perguntou: "Patrick, foi você que comeu o bolo?" Ele respondeu: "Eu não". Patrick mentiu?

Sim

Não

Não tenho certeza.

Fonte: As autoras.

Como a ideia era replicar o experimento, mantivemos a maior parte das características adotadas pelo autor, como, por exemplo, a estrutura das histórias, os conceitos prototípicos em cada uma delas, o tipo de avaliação a ser realizada. No entanto, há algumas diferenças metodológicas que cabem ser ressaltadas. Nosso trabalho não fez uma separação entre as histórias por considerar que não seria relevante o fato de que as respostas fossem mudadas no decorrer da pesquisa. Ainda que não seja possível saber se o que foi utilizado foi a “primeira intuição” do informante ou se ele foi capaz de tecer hipóteses sobre o que estava sendo questionado, não acreditamos que isso comprometa o valor das respostas.

Além disso, consideramos divulgar o questionário para a maior quantidade possível de pessoas, por meio de postagens em redes sociais e encaminhamentos diretos por meio de WhatsApp. Na tentativa de conseguir informantes com idade, nível de escolaridade, sexo, profissão das mais diversas possíveis, solicitamos diretamente às pessoas que encaminhassem a pesquisa para seus contatos. No total, nosso questionário teve 985 respostas. Assim como Biondo (1994), utilizamos as histórias 1 e 2 como histórias-controle, ou seja, por se tratarem de casos em que estávamos diante de ou uma mentira claramente marcada ou uma verdade claramente marcada, descartamos os dados dos informantes que marcaram, nestas questões, respostas que fugiam do esperado. Assim, obtivemos um total de 823 respostas válidas.

³ Há, no nosso experimento, 12 questões porque optamos por replicar as 08 do experimento de Biondo (1994), acrescentando 3 histórias do experimento de Coleman e Kay (1981) que haviam sido consideravelmente modificadas e porque inserimos mais uma história manipulando a variável “*P é falsa*”.

Também fizemos algumas alterações nas histórias originais, pelos mesmos motivos elencados por Biondo (1994) em relação às alterações que ele fez das histórias originais. Os nomes que o autor considerava neutros para a época (Moacir, Celso, Carmen, Vera) não são mais exatamente neutros no contexto atual (dariam a sensação de nomes de pessoas de faixas etárias mais elevadas), e foram substituídos por outros nomes. Adaptações no sentido de deixar a história mais concisa (por exemplo, retirando adjetivos, mudando construções sintáticas) também foram feitas. Além disso, foram retirados todos os trechos em que, na história original, existia a narração de uma implicatura pretendida pelo personagem, como, por exemplo, na história reproduzida abaixo:

Amanhã é feriado e, portanto, a Carmem não vai trabalhar. Mas como ela olhou por engano no calendário do ano passado, ela pensa que vai. Hoje, um conhecido lhe perguntou: “Vamos ao cinema amanhã à noite?” A Carmem poderia ir, mas, como ela não queria sair com ele, respondeu: “é que amanhã eu trabalho o dia todo”, querendo que ele pensasse que ela não poderia ir porque estaria muito cansada. A Carmem mentiu? (BIONDO, 1994: 87; anexo III)

Esta história, por exemplo, com detalhes anacrônicos (quem, em 2021, olharia a data em um calendário do ano anterior?), explicita a implicatura pretendida por Carmen ao dizer tal enunciado. Este cálculo pode, ou não, ser feito pelo ouvinte ou pelo leitor da história. A título de comparação, nossa história ficou assim:

Figura 3: Mariana não quer sair.

Amanhã é feriado e a empresa da Mariana não tem expediente. Mariana esqueceu dessa informação, então ela pensa que irá trabalhar. Hoje, um conhecido lhe perguntou: "Vamos ao cinema amanhã à noite?" Ela não queria sair com ele e respondeu: "É que amanhã eu trabalho o dia todo.". A Mariana mentiu? *

- Sim
- Não

Fonte: Reprodução do questionário aplicado.

Cabe reiterar que, uma vez que se sabe quais são os critérios mobilizados em cada história, os nomes ou elementos contextuais que tenham sido modificados não afetam o seu núcleo. O que estava sendo mobilizado nas histórias, ou seja, os critérios que apresentamos anteriormente, continuaram sendo os mesmos.

Como mencionado na nota de rodapé anterior, nosso experimento contou com mais histórias do que os experimentos originais, que traziam 8 histórias em cada. As diferenças das histórias de Biondo (1994) em relação a Coleman e Kay (1981), segundo o autor, se deram porque “a história 5 continha mais elementos do protótipo do que o desejado” (1994, p.36), a história 7 mudou para “se controlar o que os autores norte americanos chamaram de “gravidade da consequência”, ou seja, uma possível variável que interfere nas respostas fazendo com que os entrevistados julguem uma determinada situação com base nas consequências negativas que ela desencadeia” (1994, p.37) e a história 8 parecia dúbia em relação à intenção de enganar

(1994, p.38). Mesmo com essas considerações, replicamos estas histórias fazendo apenas alterações quando necessário. O fato de elas manipularem de forma diferente as variáveis foi considerado interessante e, por hipótese, imaginávamos que seriam dados que dariam maior diferença entre os informantes.

Resultados obtidos e diálogos possíveis

Como já dissemos anteriormente, a investigação de Biondo (1994) objetiva testar as histórias como exemplos mais ou menos bons do protótipo de mentira. Neste sentido, ele observa que

os exemplos não-prototípicos da mentira provocam nos falantes incertezas individuais e variações interpessoais no momento de se avaliar o grau de participação desses exemplos dentro da categoria. Normalmente, os falantes categorizam um determinado evento do mundo com base nos elementos em comum que esse evento possui com o protótipo da categoria. (BIONDO, 1994, p. 78).

É necessário salientar que o tratamento dos dados feito por Biondo (1994) levou em consideração as respostas das duas perguntas (se era ou não mentira e o grau de certeza do informante) e pontuadas numa escala de 1 a 7, considerando que 7 seria a pontuação máxima a ser obtida (com as respostas “é mentira” e “tenho certeza absoluta” assinaladas) e 1 a mínima (“não é mentira” e “tenho certeza absoluta” que não é mentira). Assim, os pesos foram atribuídos em relação à primeira pergunta e a segunda pergunta posicionava a resposta mais abaixo ou mais acima na escala.

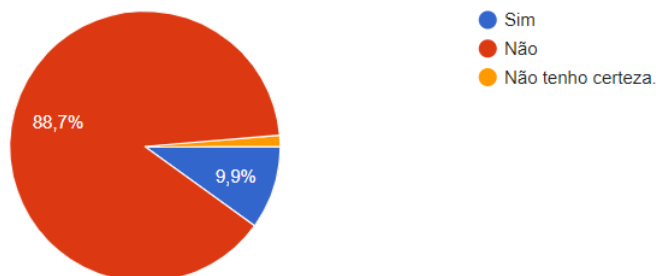
Nosso experimento não tabulou os dados da mesma maneira, porque consideramos que o peso estatístico da quantidade de respostas “sim”, “não” ou “não tenho certeza” falaria por si. Na medida em que a porcentagem de respostas “sim” e “não” se divide, e as respostas “não tenho certeza” aparecem em grande quantidade, fica mais claro o quanto aquela história está dividindo opiniões.

Em relação ao experimento inicial, confirmamos a hipótese de que as histórias-controle foram as que menos dividiram os informantes, ainda que tenha sido um número considerável de informantes que a responderam fora do esperado. A história controle 2 (figura 4), que apresentava uma história sem nenhuma mentira, por exemplo, teve 111 respostas erradas. Nas observações que podiam ser feitas no campo 3 da pesquisa, pudemos entender que se tratou de uma leitura incorreta da história, em que os nomes foram trocados pelo leitor, ou, em outros informantes, pela leitura exageradamente cooperativa com o experimento, que levou o informante a achar que as pesquisadoras trocaram os nomes sem querer.

Figura 4: João furou a bola.

João e Ilto estavam jogando bola. João furou de propósito a bola do Marcos. Quando Marcos chegou e viu a sua bola vazia, perguntou furioso para Ilto: "Foi você que furou a minha bola?" Ilto respondeu: "Não, foi o João que furou". O Ilto mentiu?

985 respostas



Fonte: As autoras.

Biondo também parece ter se deparado com este problema, como vemos na sua discussão de resultados, mas ele parece interpretar de outra forma:

Por outro lado, se o indivíduo se posicionou de uma maneira excessivamente cooperativa, é possível que essa disposição tenha levado o informante a encarar erroneamente a estória como um enigma que precisava ser desvendado. Isso pode ter provocado ou uma tentativa de extrair mais inferências do que a estória realmente permitia, ou uma preocupação maior com a resposta e não com a estória, no sentido de querer causar uma boa impressão (demonstrar inteligência ou esperteza, por exemplo). Qualquer uma dessas alternativas pode ter induzido os entrevistados ao erro. (BIONDO, 1994, p. 52)

Saindo dos dados do controle, encontramos as histórias realmente problemáticas, que jogavam de diferentes formas com as variáveis em questão. As histórias que soavam irônicas, por exemplo, foram problemáticas tanto no experimento original quanto na sua replicação. Muitos comentários deixados na seção 3 do formulário indicavam isso. Por exemplo, comentários como "Muitas questões vi ironia. Não [vi] mentira, mas coloquei como mentira.", ou "Bom, na questão da briga entre os colegas de trabalho um foi irônico dizendo "seu chefe me adora", ironia não é mentira, pois entende-se que o ouvinte percebeu a ironia."

Sobre isso, Biondo (1994) considerava que a variável "F acredita que P é falso" estava em jogo, mas não o elemento "F pretende enganar". Acreditamos que vale a pena fazer uma espécie de descrição das implicaturas aqui e, para tanto, transcrevemos a história:

(01) Filipe e Kaléo trabalham na mesma empresa, mas discutem muito na frente de todos. Todos os funcionários conhecem a inimizade entre os dois, pois já foram testemunhas de várias desavenças. Hoje, depois de mais uma violenta discussão em público, Filipe olhou para a secretária de Kaléo e disse: "O seu chefe realmente me adora". O Filipe mentiu?

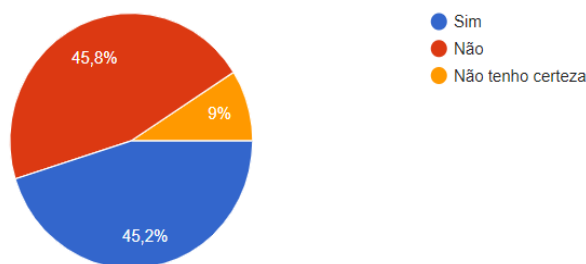
Podemos observar que a história tenta registrar informação de que todos sabem que se tratam de pessoas que não se dão bem, ou, melhor dizendo, não se adoram. Sendo assim, o Filipe (quem profere o ato) não tem a intenção de enganar (tem, no entanto, a intenção de ser irônico, ou de ser engraçado, ou de não falar coisas demasiadamente inadequadas). Nesta pergunta, 45% das respostas foram “não mentiu”; 30% foram “mentiu” e 24% foram “não tenho certeza”. Como Biondo (1994), aponta, assinalar “não mentiu” não significa dizer “falou a verdade”, mas “ela pode ser uma ironia, um engano, uma farsa, uma representação ou qualquer outra coisa que mantenha uma relação muito próxima com a mentira mas que se encontre num campo provisoriamente delimitado e denominado como ‘não mentira’”. (1994, p. 61) O que podemos interpretar dos nossos resultados, a princípio, é que o espaço entre “não mentiu” e “mentiu” parece ter sido diferenciado pelo fato de o personagem ter dito algo não verdadeiro, mas não se relacionou com a intenção de enganar.

Em contraste, podemos observar a história contida na figura a seguir:

Figura 5: Álvaro ganhou na loteria

Faz dois dias que Álvaro ganhou na loteria, mas ele nem desconfia disso porque nunca ganhou e porque ainda não conferiu o bilhete. Hoje, ele amanheceu com uma terrível dor de cabeça, perdeu o ônibus e chegou atrasado ao trabalho. Quando ele entrou na sala de aula chateado e de cara feia, um aluno lhe perguntou: "Que cara de felicidade é essa?" E Álvaro respondeu: "Ganhei na loteria". O Álvaro mentiu?

985 respostas



Fonte: As autoras

O que esta história nos traz é, novamente, uma ironia (Álvaro afirma algo que acredita ser falso com a intenção de gerar uma implicatura em seu interlocutor, e essa implicatura é irônica), mas com um *plot twist*: quando enuncia algo que acredita ser falso, ele não tem a informação de que enuncia algo que **não** é falso. Novamente, obtivemos 45% de “não mentiu”, mas o percentual de incerteza é significativamente menor. Os 45% dos informantes que afirmam que ele mentiu, provavelmente, se apoiam na mesma avaliação que os fez julgar a ironia como mentira; os 45% que acreditam que ele não mentiu só podem estar se apoiando na informação contextual de que o critério *P é falso* não é válido para essa ocasião.

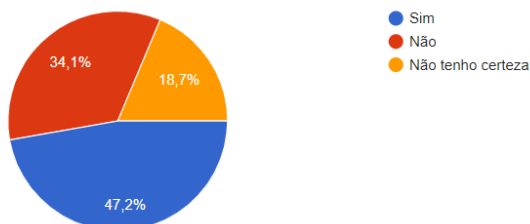
Além das histórias que mobilizam a ironia, podemos notar que a ausência da variável *P é falso*, ou seja, histórias em que o que se afirma não é falso também são bastante confusas para os informantes.

Figura 6: Érick tem febre

Certa manhã, Érick acordou com a convicção de não ir à escola porque ele não tinha estudado para a prova de matemática que haveria naquele dia. Sua mãe lhe perguntou: "Você não vai pra escola hoje?" E Érick respondeu: "Não, eu estou doente". Sua mãe tirou a sua temperatura e verificou que ele realmente estava com muita febre. O Érick mentiu?



985 respostas



Fonte: As autoras.

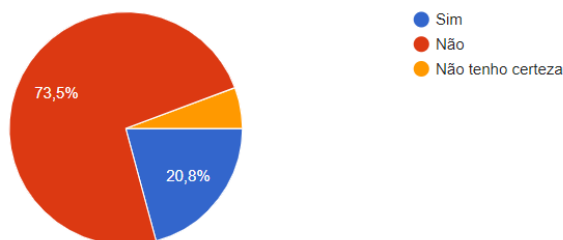
A história na figura acima mobiliza uma informação verdadeira que é desconhecida do locutor. Assim, *P é falsa* não está presente, mas *F sabe que P é falso* está (considere, por favor, que a leitura desse “sabe” deve ser feita como “acredita”), mas nota-se que o personagem tem a intenção de enganar (*F pretende enganar O*). Esta história divide muitas opiniões, acreditamos, porque a intenção de enganar está presente (a maioria das respostas considera que Érick mentiu), ainda que Érick não consiga seu objetivo pelo fato de a proposição ser verdadeira. Num certo sentido, a principal diferença entre a história de Érick e de Álvaro é a intenção de enganar, uma vez que ambos enunciam proposições verdadeiras cuja veracidade desconhecem. A única explicação que nos parece razoável para a diferença entre a quantidade de informantes que acredita que Érick mentiu (34%) e Álvaro mentiu (45%) é o viés da ironia presente na história deste.

O que consideramos acima parece demonstrar que a intenção de mentir parece ser menos importante no julgamento dos informantes, como podemos ver pelos dados abaixo:

Figura 7: José estava doente

José esteve muito doente nas duas últimas semanas, mas ontem ele estava melhor e teve um encontro com Roberta, sua ex-namorada. Atualmente, a Roberta está namorando o Marcos, que é muito ciumento. Hoje, o Marcos lhe perguntou: "Você viu o José esta semana?" E Roberta respondeu: "Ah, o José esteve muito doente nas duas últimas semanas". A Roberta mentiu?

985 respostas



Fonte: Xs autorxs.

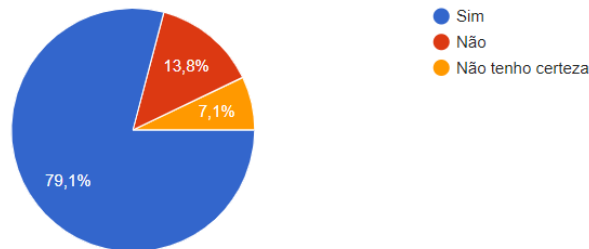
Na história representada na figura acima, a proposição é verdadeira e F sabe que a proposição é verdadeira mas, por não contar “toda a verdade” (o que entendemos, como pragmatistas, como uma violação da máxima griceana de quantidade), podemos perceber que Roberta tem a intenção de enganar Marcos. Contudo, 73% dos informantes não considerou que Roberta mentiu, ainda que a intenção tenha sido clara.

Excluindo-se a intenção de enganar, da forma como fizemos com a história de Filipe e Kaléo, acima, observe-se a história reproduzida na figura abaixo:

Figura 8: Hugo foi gentil

Hugo foi convidado a jantar na casa de seu chefe. Depois de uma noite triste na qual ninguém se divertiu, Hugo diz a seus anfitriões: “Muito obrigado, foi uma festa incrível”. Hugo não acredita que foi uma festa incrível e não estava tentando convencer ninguém que ele tinha se divertido, mas ficou preocupado em dizer algo gentil para a esposa do chefe, apesar de não esperar que ela acreditasse nele. Hugo mentiu?

985 respostas



Fonte: As autoras

Podemos notar que, aqui, o personagem não tinha a intenção de enganar ninguém: a história parece querer mostrar que a intenção era a de aliviar a tensão, ou mesmo de dizer algo gentil. Contudo, 79% das pessoas considerou que se trata de uma mentira, e, novamente, o que parece saliente é o fato de que a proposição é falsa e de que o falante sabe que a proposição é falsa.

Em suma, o que estamos querendo extrair destes dados todos é que, ao que parece, nosso experimento demonstra algo muito diferente do experimento de Biondo (1994), que concluiu que “a presença do elemento a num ato de fala é menos relevante do que a presença dos elementos b ou c, quando se pretende determinar se esse ato contém ou não uma mentira” (1994, p. 65) e, como já mencionado anteriormente neste texto, “em relação à hierarquia dos elementos do protótipo, os dados iniciais demonstraram que o elemento a (*P é falsa*) é o menos importante dentro da categoria” (1994, p.80).

Concordamos com Biondo (1994) quando este afirma que

o elemento a (*P é falso*) é o mais objetivo de todos, ou seja, pode ser identificado com mais facilidade e controlado com maior precisão. Já os elementos b (*F acredita que P é falso*) e c (*F pretende enganar*) são mais subjetivos porque não se realizam materialmente em forma de enunciados, são geralmente inferidos ou pressupostos, o que torna mais difícil a identificação e o controle (BIONDO, 1994, p 64. *Itálico no original*)

Neste sentido, pode-se entender que, na ausência de um critério que especifique a mentira em termos da sua efetivação enquanto ato pragmático (seja ele ato de fala, como pretendemos abordar em estudos futuros, seja como violação de implicatura), os informantes parecem ter optado por avaliar as histórias com base no dado mais facilmente contrastável com a realidade.

Considerações finais

Há muito ainda a ser explorado com os dados da replicação deste experimento, bem como muitas outras possibilidades de diálogo com o texto de Biondo (1994). O autor, por exemplo, tabula os dados considerando a variável *sexo* e a variável *área de formação*, inclusive relacionando como essas variáveis se projetam dentro das histórias (avaliações de mulheres em histórias que a personagem mulher mente, por exemplo; ou avaliação de profissionais da área da saúde na história que relata um médico e uma enfermeira). Como dissemos, o total de 823 respostas válidas que obtivemos pode ser seccionado e analisado com base em qualquer uma das variáveis selecionadas e, desta forma, os resultados podem ser diferentes em relação ao papel social de homens e mulheres e gostaríamos muito de poder abordar isto em estudos posteriores.

Outra questão que fica bastante saliente neste trabalho diz respeito ao fato de que as variáveis consideradas pelos autores são, como pode-se notar, heterogêneas: a variável *P é falsa* diz respeito ao conteúdo semântico da expressão. Já *F tem a intenção de enganar* diz respeito à atitude que será veiculada junto com aquele conteúdo proposicional, ou seja, trata-se de uma variável do nível pragmático. Biondo (1994) não faz essa diferenciação, evidentemente, mas acreditamos que este é o ponto mais sensível para uma discussão teórica deste trabalho, que também objetivamos estudar em trabalhos posteriores. Inclusive, como observamos ao final da última seção, o critério verificável pelas condições de verdade pareceu ser o mais saliente na avaliação dos informantes na replicação do estudo.

Em suma, ficam muitas questões em aberto, mas o objetivo deste trabalho era replicar o experimento de 1994 com mais possibilidades tecnológicas e, a partir desta replicação, analisar o que estes dados separados por quase 30 anos podem nos dizer. Aparentemente, podem nos dizer coisas bastante diferentes do que o experimento inicial trouxe.

Referências

COLEMAN, L. & KAY, P. Prototype semantics: the english word lie. *Language*, 57 (1): 26-44, 1981

BIONDO, Delson. **A semântica da palavra “Mentira” e o seu protótipo cognitivo: novas evidências empíricas**. 1994. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1994. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/147519894.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

JOAQUIM, Cândida Silva. Mentiras. In: **Sociologia- Problemas e práticas**. No. 9. Pp. 121-128. 1991.

GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. **Fundamentos metodológicos da lingüística**, v. 4, p. 81-103, 1982. Tradução de João Wanderley Geraldi.

SEARLE, John R. Meaning and speech acts. **The philosophical review**, v. 71, n. 4, p. 423-432, 1962.

SEARLE, John R.; VANDERVEKEN, Daniel. Speech acts and illocutionary logic. In: **Logic, thought and action**. Springer, Dordrecht, 1985. p. 109-132.

TEIXEIRA, José, 2005, “Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (fruta)”, in *Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*, nº 19/1 (2005), pp.239-280, Universidade do Minho, Braga. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4509/1/Frutos-fruta.pdf>>